



A esperança na toponímia: um estudo de caso do léxico toponímico de Minas Gerais

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Ouro Branco. Minas Gerais / Brasil

anapaula.carvalho@ifmg.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-8192-3904>

Resumo: A Toponímia, ciência que se dedica ao estudo dos nomes de lugar, é de grande relevância para o conhecimento dos aspectos históricos e socioculturais de um povo, uma vez que permite reconhecer, nos topônimos investigados, fatos linguísticos, ideologias e crenças de um povo. Desse modo, vinculado ao ATEMIG — Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais —, projeto em desenvolvimento na FALE/UFMG desde 2005, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo do léxico toponímico do Estado de Minas Gerais, focalizando os nomes de lugar que receberam suas denominações a partir do vocábulo *esperança*. Relacionado à ideia de prosperidade e bastante frequente no léxico toponímico brasileiro, esse item lexical geralmente revela, em sua motivação, o estado de espírito otimista do denominador no ato da nomeação, o que justifica, segundo o modelo teórico-metodológico da Toponímia, a sua classificação como *animotopônimos*. Nessa perspectiva, pautando-se pelos princípios dessa ciência onomástica, fez-se um levantamento dos topônimos referentes aos acidentes físicos (rio, lago, montanha etc.) e humanos (vila, cidade, ponte etc.) que foram nomeados a partir dessa lexia, tanto em formas simples quanto em formas compostas, presentes nos 853 municípios mineiros. Desse levantamento, verificou-se a presença de 401 topônimos distribuídos geograficamente em todas as mesorregiões mineiras, com destaque especialmente para os acidentes humanos na Zona da Mata e no Vale do Rio Doce.

Palavras-chave: léxico; cultura; toponímia; animotopônimo; esperança; Minas Gerais.

Abstract: Toponymy, a science dedicated to the study of place-names, is of great relevance for the knowledge of the historical and sociocultural aspects of a people, once it allows recognizing, in the investigated toponyms, linguistic facts, ideologies and beliefs of a people. Thus, linked to ATEMIG — Toponymic Atlas of Minas Gerais State —, a project under development at FALE/UFMG since 2005, this work aims to

present a study of the toponymic lexicon of the State of Minas Gerais, focusing on the place-names that received their denomination from the word *esperança*. Related to the idea of prosperity and frequently present in the Brazilian toponymic lexicon, this lexical item usually reveals, in its motivation, the optimistic state of mind of the denominator in the act of naming, which justifies, according to the theoretical-methodological model of Toponymy, its classification as animotoponyms. In this perspective, based on the principles of this onomastic science, a survey was made of toponyms referring to physical accidents (river, lake, mountain, etc.) and human (village, city, bridge, etc.) of the 853 cities of Minas Gerais that were named from this lexia, both in simple forms and in compound forms. From this survey, it was verified the presence of 401 toponyms geographically distributed in all of Minas Gerais mesoregions, with special emphasis on human accidents in Zona da Mata and Vale do Rio Doce.

Keywords: lexicon; culture; toponymy; animotoponym; hope; Minas Gerais.

1 Introdução

Este trabalho trata do estudo do léxico toponímico do Estado de Minas Gerais, focalizando as ocorrências dos topônimos *Esperança*, *Mãe Esperança*, *Boa Esperança* e *Nova Esperança*. Tais denominações toponímicas, por sua carga semântica positiva, trazem em si boas impressões do estado psíquico do denominador do ato da nomeação, o que se relaciona diretamente à ideia de se esperar do local a ser nomeado boas energias e prosperidade.

Nessa perspectiva, orientado pelos princípios da Ciência Onomástica, mais especificamente pelo modelo teórico-metodológico de Dick (1990a, 1990b), este estudo está vinculado ao Projeto ATEMIG — Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, projeto em desenvolvimento, desde 2005, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.¹ Nas etapas já concluídas do projeto,

¹ À Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, homenageada no IV Encontro sobre a Diversidade Linguística de Minas Gerais: linguagem, história e memória (IV DIVERMINAS), agradeço muitíssimo o incentivo para conhecer os estudos toponímicos e, conseqüentemente, tornar-me, desde 2006, uma pesquisadora dos estudos do léxico sob sua cuidadosa orientação.

fez-se o levantamento de todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios do estado, documentados em cartas topográficas — fontes do IBGE, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 250.000. Obteve-se, então, um banco de dados constituído de cerca de 85 mil topônimos que estão classificados de acordo com a origem e o padrão motivador.

Desse modo, dando continuidade ao andamento do projeto e com o objetivo de contribuir com o detalhamento da realidade toponímica de Minas Gerais, apresentamos, neste trabalho, a distribuição, em território mineiro, de 401 *animotopônimos*, isto é, “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física” (DICK, 1990a, p. 33).

Vale dizer que as denominações toponímicas analisadas — *Esperança, Mãe Esperança, Boa Esperança e Nova Esperança* — por serem relativas à ideia de esperança e prosperidade e, em virtude disso, despertarem “uma sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo” do denominador frente ao acidente a ser nomeado, são classificadas, de acordo com Isquerdo (1996, p. 118), como animotopônimos eufóricos.

Sob esse enfoque, este trabalho tem por finalidade apresentar a distribuição dos *animotopônimos eufóricos* constituídos a partir do item lexical ‘*esperança*’ no léxico toponímico de Minas Gerais.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Estudos lexicais

Partindo do pressuposto de que a língua, como atividade social, constitui parte representativa da cultura² de uma sociedade, observa-se que, é por meio do sistema linguístico, “mais especificamente de

² Entenda-se por cultura, de acordo com Duranti (2000), um conjunto de valores culturais e, conseqüentemente, linguísticos partilhados por grupos humanos, organizados socialmente em uma comunidade.

seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história” (SEABRA, 2004, p. 28-29). Em outros termos, língua e cultura são, pois, elementos indissociáveis que se relacionam diretamente com a história social de um povo.

Nessa perspectiva, a língua é vista como um indicador cultural, uma vez que o modo como o sistema linguístico retrata a visão de mundo de um povo permite evidenciar a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade. Conforme Sapir (1961, p. 51), essa inter-relação manifesta-se, sobretudo, no léxico, nível da língua que melhor deixa transparecer o ambiente físico e social em que os falantes se encontram inseridos, por privilegiar a configuração da realidade extralinguística e o armazenamento de todo o saber linguístico de um povo.

É no nível lexical que serão encontrados meios para que se compreenda a concepção de mundo de uma época, o modo de vida de determinado grupo social e, também, elementos essenciais para que se possa caracterizar a realidade sociocultural de seus falantes. Pode-se dizer, então, que é por meio da palavra que todo conhecimento adquirido nas várias áreas do saber acumula-se ao longo da história de um povo e é transmitido às gerações seguintes.

Dessa forma, como elemento modelador da cultura, o estudo do léxico possibilita compreender os conceitos e os eventos da vida cotidiana, uma vez que representa a área que mais bem reflete a realidade linguística e sociocultural de uma comunidade.

Há várias formas de se estudar o léxico de uma língua. De acordo com Finatto e Krieger (2004), merecem destaque as ciências do léxico: a Lexicologia, que é o estudo científico do léxico; a Lexicografia e a Terminologia, que estudam o léxico com fins aplicados a fim de identificar e estabelecer o léxico ou os subconjuntos léxicos das línguas para organizá-las em dicionários gerais e dicionários especializados, respectivamente.

Integrada à Lexicologia, tem-se a Onomástica, ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios em geral, dividida em duas subáreas: a Antroponímia e a Toponímia. À primeira, correspondem os estudos dos nomes próprios das pessoas, sejam prenomes ou sobrenomes, tendo grande relevância para a história política, cultural, das instituições e das mentalidades. A segunda, foco deste trabalho, diz respeito aos nomes próprios de lugar. Ambas são reconhecidas como meios importantes de investigação linguística e cultural.

2.2 Estudos toponímicos

Os estudos toponímicos são de grande relevância para o conhecimento de aspectos históricos e socioculturais de um povo, uma vez que permitem a identificação de fatos linguísticos, de ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, na sua permanência ou não em uma comunidade.

Ao se referir à denominação dos lugares, Dick (2010) afirma que o ato de nomear está diretamente relacionado aos valores, às ações e às reações do ser humano. Conforme a autora, as forças centrífugas e centrípetas do conjunto denominativo não são isoladas; são, pelo contrário, dependentes dos procedimentos que envolvem as atividades humanas e, nesse centro de influências e condicionantes, o homem se posiciona como protagonista (DICK, 2010, p. 197).

Desse modo, podemos afirmar que o ato de nomear reflete a cultura e a visão de mundo do denominador que são evidenciadas por meio das escolhas dos nomes que identificam os referentes relacionados à realidade de cada grupo. É, então, por meio do nome, que o homem organiza o mundo, representando-o, de modo a categorizar a realidade na qual se encontra inserido.

Nesse contexto, concebido como uma forma lexical que tem a função semântica de identificar um ponto concreto da geografia, individualizando-o, o topônimo — nome próprio de lugar — detém íntima relação com o contexto histórico-político da comunidade, pois “sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida” (DICK, 1990a, p. 105). Consiste, dessa maneira, no resultado da ação do nomeador que, ao realizar um recorte no plano das significações, por meio da designação de determinado acidente geográfico, registra o momento vivido pela comunidade.

Dessa maneira, a Toponímia, como uma das faces da Onomástica, revela-se de grande relevância para o conhecimento dos aspectos históricos e socioculturais de um povo. Isto porque, por meio da análise de seu objeto de estudo — o *topônimo* —, o estudo toponímico permite ao pesquisador perceber a realidade na qual o nome está registrado: fatos históricos, aspectos do ambiente, dos acidentes físicos e humanos, ideologias e crenças do grupo denominador. É nesse contexto que se situa este trabalho acerca dos *animotopônimos eufóricos* constituídos a partir do item lexical ‘*esperança*’ no léxico toponímico de Minas Gerais.

3 Os animotopônimos: do signo toponímico à motivação toponímica

O topônimo, como qualquer outra forma da língua, é, estruturalmente, um significante animado por uma substância de conteúdo. Entretanto, considerando que sua função é indicar ou identificar um lugar e não significar, o nome próprio de lugar adquire uma dimensão maior e passa a ser marcado duplamente: primeiro, pela intencionalidade do denominador no ato da seleção de um determinado nome para identificar um lugar; segundo, pela origem semântica da denominação pelo significado que revela, de modo transparente ou opaco. Assim, a motivação semântica, característica principal do signo toponímico, pode estar relacionada a aspectos sociais, culturais ou ambientais, que motivam, ou são levados em consideração, no ato de nomear acidentes físicos ou humanos, o que, conforme Dick (1990b, p. 38), ocorre porque “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”.

Sob esse enfoque, é possível afirmar que o signo toponímico é semelhante aos demais signos linguísticos e pertence ao mesmo sistema. O que lhe confere certa singularidade em relação aos demais é o fato de não possuir, como muitos deles, uma natureza arbitrária ou convencional, já que o nome do lugar representa a sua realidade ou a realidade daquele que o nomeia. A esse respeito, Dick (1990a, p. 22) esclarece que “se, em nível de língua, a função denominativa se define pelo arbitrário ou convencional, no plano da Toponímia, ela se apresenta essencialmente motivada, ou impulsionada por fatores de diferentes conteúdos semânticos, que poderão conduzir à localização de áreas toponímicas, em correspondência, ou não, às respectivas áreas geográfico-culturais”.

Dado o conceito de signo toponímico, convém trazer aqui a definição de léxico toponímico, que, de acordo com Isquerdo (2012), constitui-se das unidades lexicais – signos linguísticos diversos – que, investidos da função de nome próprio de lugar, podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos, tais como: nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim específico de nomear um lugar, desde espaços geográficos mais amplos (continentes, países, regiões administrativas, estados, cidades, grandes rios, montanhas, vales...), até elementos geográficos de menores proporções (ilhas, córregos, vilas,

povoados, bairros, ruas...). Nas palavras da autora, “define-se léxico toponímico como o universo de topônimos de uma língua que, por sua vez, estão circunscritos a diferentes espaços geográficos do território coberto por esse sistema linguístico” (ISQUERDO, 2012, p. 116). Por meio dessa definição, a autora explica que os sistemas toponomásticos subjacentes à toponímia de uma área territorial representam, em primeira instância, a perpetuação do léxico representativo do momento histórico em que o elemento geográfico foi nomeado.

No que se refere à questão da motivação toponímica, Dick (1990a, p. 49) considera dois pontos de vista: a do denominador, e das razões que o levaram a escolher, dentro de diversas possibilidades, a que correspondesse às suas necessidades do momento da escolha, e o da substância do topônimo, revelado por seus componentes linguísticos. Segundo a autora, nem sempre será possível, seja pela ausência do denominador, seja pelo distanciamento cronológico do surgimento do nome, assegurar a intenção que norteou o ato da nomeação.

Em trabalho posterior, Dick (2006) relaciona o processo de nomeação a marcas ideológicas envolvidas na memória coletiva de um grupo social, destacando o fato de que, em um estudo toponímico, é necessário levar em conta as coordenadas tempo-situacionais, nas quais gravitam ‘actantes básicos’: o nomeador, o sujeito que enuncia o nome em primeiro lugar; o objeto nomeado que se liga ao espaço e as suas divisões conceituais, incorporando a função referencial nomeada; e o receptor, ou enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação.

Nesse contexto, pode se dizer que o topônimo cristaliza uma época, perpetua costumes de um grupo, o que pode ser evidenciado pela falta de preocupação dos indivíduos em mudar os nomes estabelecidos por outros povos. Acidente e nome de lugar configuram, pois, uma unidade inseparável, tornando-se difícil, por vezes, recuperar as distâncias entre a expressão e o objeto representado. Ou seja, nem sempre o nome produz no terreno o semanticismo da forma ou a ideia conceitual que condiciona e o seu emprego, tornado, por vezes, excessivamente opaco, ou aparentemente inexplicável, o batismo ocorrido (DICK, 1999, p. 122).

Desse modo, partindo do pressuposto de que os nomes atribuídos aos locativos são necessariamente motivados, não se pode buscar, nos estudos toponímicos, apenas a sua origem. Faz-se, pois, necessário investigar a motivação que subjaz à escolha do designativo, já que a nomeação dos acidentes geográficos, conforme Aguilera (1999,

p. 125), “não é feita aleatoriamente pelo homem, mas o faz movido por alguma impressão sensorial e/ou sentimental que o acometa no momento da denominação”, o que significa que o “batismo de lugares” é profundamente influenciado pela cultura do povo, da sociedade, por meio de eventos ocorridos tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Face ao exposto, convém pontuar que a relação da motivação entre o denominador e o objeto denominado é de grande relevância para os estudos toponímicos e essa relação está diretamente relacionada à formalização de modelos taxionômicos que, concebidos com o intuito de sistematizar melhor as pesquisas onomásticas, permitem, pelo processo onomasiológico, que sejam conhecidas as influências externas ou subjetivas que se traduzem em topônimos de variadas origens.

Dessa maneira, a partir de princípios distintos, alguns estudiosos propuseram modelos de classificação dos nomes de lugares. Dentre esses pesquisadores, citam-se Dauzat (1928/1936), Leite de Vasconcelos (1931), Stewart (1954), Dick (1980/1990) e Salazar-Quijada (1985).

No Brasil, o modelo taxionômico proposto por Dick (1980) foi concebido com base nas camadas do léxico toponímico brasileiro e tem servido de base metodológica para a maioria dos estudos toponímicos desenvolvidos no país. Trata-se de uma nova maneira de analisar a toponímia, até então limitada à reconstituição de etimologias ou a serviço do mapeamento das terras, isto porque a autora parte do conteúdo semântico do topônimo para depois investigar a intencionalidade do denominador no ato do batismo de um acidente qualquer.

Na sua primeira versão, o modelo de classificação de Dick (1980) continha dezenove categorias. No entanto, foi reformulado em 1990, chegando a vinte e sete taxes divididas, de acordo com a natureza motivacional (semântica), em dois grupos, quais sejam: i) onze taxes de natureza física que caracterizam o ambiente em todos os aspectos de sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais, etc.) e ii) dezesseis de natureza antropocultural que caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra, como estado de ânimo, sentimentos, nomes de natureza religiosa, títulos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países etc.

Dentre as taxes de natureza antropocultural, estão os *animotopônimos* ou *nootopônimos*, foco deste estudo, que são os

topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: vitória - Vitória, AH CE; triunfo - Triunfo, AH AC; saudade - Cachoeira da Saudade (MT); belo - Belo Campo, AH BA; feio - Rio Feio (SP) (DICK, 1990b, p. 33).

Essa categoria toponímica foi analisada e revisitada³ por Isquerdo (1996, p. 118) que, em seu trabalho intitulado *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*, propôs subdividi-la em “i) *animotopônimos eufóricos* — aqueles que “despertam uma sensação agradável, expectativas otimistas, boa disposição de ânimo”, como Boa Esperança e Vitória; e ii) *animotopônimos disfóricos* — aqueles que evocam “uma sensação desagradável frente à designação”, como em Confusão e Revolta.”

Considerando que os topônimos analisados neste estudo — *Esperança, Mãe Esperança, Boa Esperança e Nova Esperança* — relacionam-se diretamente à ideia de prosperidade, indicando, assim, expectativas otimistas do denominador no ato da nomeação, julgamos pertinente adotar a classificação proposta por Isquerdo para classificá-los como *animotopônimos eufóricos*. De acordo com a autora, esse grupo de topônimos integra o campo semântico *crença no futuro* e traz em si “‘crenças’ em algo que ‘promete’ ser bem-sucedido” desde a sua motivação (ISQUERDO, 1996, p. 128).

Feitas essas considerações teórico-metodológicas, procede-se, na seção seguinte, à descrição e à análise dos dados.

³ Essa ampliação de uma das taxonomias propostas por Isquerdo (1996) para a prevista pela própria toponimista, pois, ao se referir ao próprio modelo de classificação dos topônimos, Dick (1990a) afirma que as taxonomias por ela apresentadas não são exaustivas em suas ocorrências e sim significativas, podendo ser ampliadas à medida que novas estruturas vocabulares as exijam. Segundo a autora, essas taxonomias foram formuladas, levando em conta a realidade brasileira, permitindo, pois, uma expansão classificatória, conforme as necessidades do pesquisador e o contexto onde o topônimo pesquisado se encontra inserido.

4 Estudo do léxico toponímico mineiro: da descrição metodológica à análise dos dados

Orientado pelos princípios da Ciência Onomástica, o estudo proposto vincula-se ao Projeto ATEMIG — Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, projeto este em desenvolvimento, desde 2005, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos propostos pelo francês Dauzat (1926), adaptados à realidade brasileira por Dick (1990a, 1990b), esse projeto vem realizando o detalhamento e a análise da realidade toponímica de todo o estado. Partilhando de metodologia comum, adotada por outras equipes de pesquisadores de outros estados que têm desenvolvido estudos toponímicos aos moldes do ATB (Atlas Toponímico do Brasil) — projeto que foi coordenado e desenvolvido pela Prof.^a Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (FFLCH/USP) —, em Minas Gerais, o projeto ATEMIG segue: o “método das áreas” utilizado por Dauzat (1926), que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão; a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990a).

Desse modo, a fim de que seja feito detalhamento da realidade toponímica de todo o território mineiro, foram levantados todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios mineiros, documentados em cartas topográficas — fontes do IBGE, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 250.000 —, perfazendo um total de cerca de 85 mil topônimos.

Após a coleta e catalogação dos dados, os topônimos foram registrados em fichas léxico-toponímicas constituídas de uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura.

Dessa maneira, a partir da análise e da interpretação dos dados coletados e dando continuidade às etapas previstas no Projeto, volta-se a atenção, neste trabalho, para algumas denominações cujos topônimos classificados como *animotopônimos eufóricos* são relativos à ideia de esperança e prosperidade, isto é, que, desde a sua motivação, indicam o estado de espírito otimista do denominador no ato da nomeação. Tais designações são muito recorrentes no léxico toponímico brasileiro, o que também é observado em território mineiro, uma vez que foram quantificadas 401 dessas designações.

Partindo, então, do item lexical *esperança*, foram consideradas as lexias *esperança*, *mãe esperança*, *boa esperança* e *nova esperança*, conforme pode ser observado no quadro, a seguir, em que, além das designações toponímicas consideradas, tem-se também seus respectivos números de ocorrências por mesorregião e por tipo de acidente geográfico.

Quadro 1: Quantificação das ocorrências de topônimos *Esperança*, *Boa Esperança*, *Mãe Esperança* e *Nova Esperança* em território mineiro

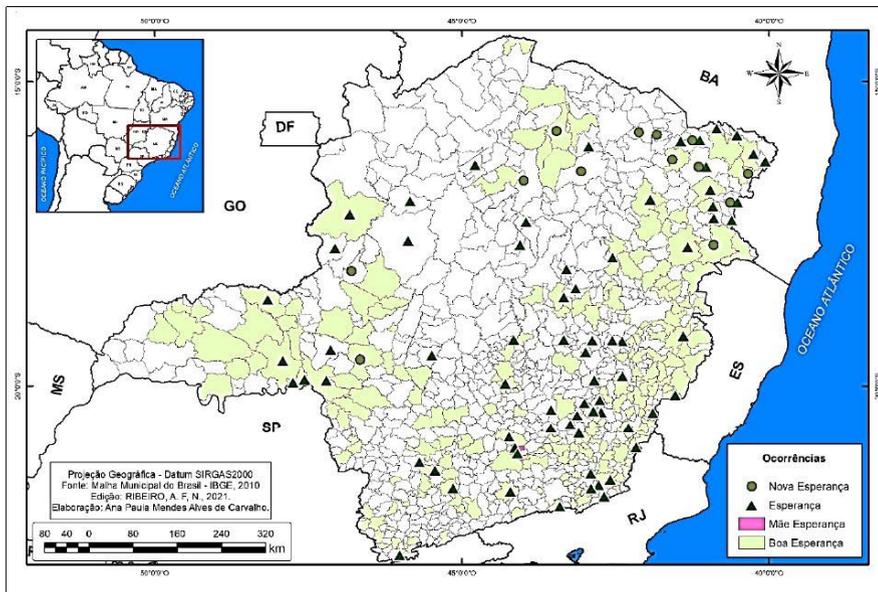
NOME	MESORREGIÕES											TOTAL DE OCORRÊNCIAS	TIPO DE ACIDENTE		
	CAMPO DAS VERTENTES	CENTRAL MINEIRA	JEQUITINHONHA	METROPOLITANA DE BH	NOROESTE	NORTE	OESTE	SUL/SUDOESTE DE MINAS	TRIÂNGULO MINEIRO	VALE DO MUCURI	VALE DO RIO DOCE		ZONADA MATA	AC. FÍSICOS	AC. HUMANOS
MÃE ESPERANÇA	1												1	-	1
NOVA ESPERANÇA			6			5			1	2		1	15	-	15
ESPERANÇA	3	2	12	13	4	4		6	6	5	3	23	81	18	63
BOA ESPERANÇA	11		11	18	2	11	9	33	34	11	58	110	304	77	227
TOTAL	15	2	29	31	6	20	9	9	41	18	61	133	401	95	306

A partir da observação do quadro, verifica-se que foram quantificadas 401 ocorrências das lexias sob análise, dentre as quais, 81 são referentes ao topônimo *Esperança*, sendo 79 dessas ocorrências constituídas apenas por esse item lexical em sua forma simples e 2 ocorrências constituídas de sintagmas compostos, quais sejam: *Esperança Linda* e *Esperança Verde*. No que se refere aos sintagmas toponímicos compostos, tem-se 1 ocorrência do topônimo *Mãe Esperança*, 15 ocorrências de *Nova Esperança* e 304 ocorrências de *Boa Esperança*. Quanto à distribuição regional, merecem atenção os topônimos *Esperança*, que, com exceção da mesorregião Oeste de Minas, tem ocorrências em todas as outras mesorregiões mineiras; e *Boa Esperança*, que, não tendo ocorrências apenas na mesorregião Central Mineira, apresenta, por sua

vez, significativo número de ocorrências nas mesorregiões Zona da Mata (110), Vale do Rio Doce (58), Triângulo Mineiro (34) e Sul/Sudoeste de Minas (33).

A figura, seguir, traz a distribuição dos 401 topônimos sob enfoque em território mineiro por meio de uma representação cartográfica.

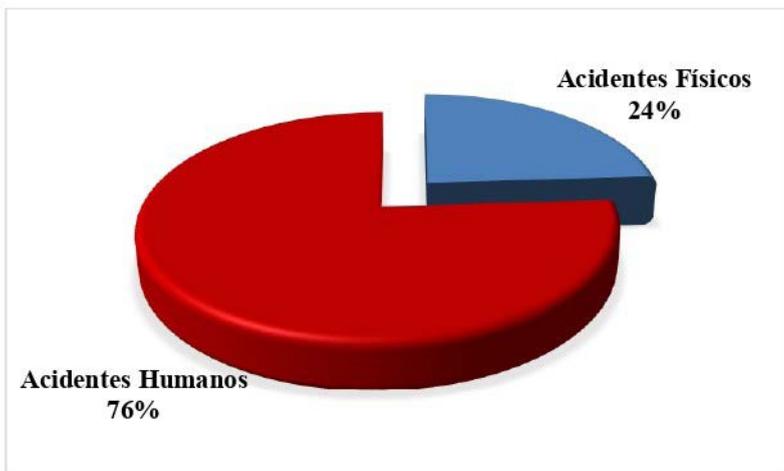
Figura 1: Distribuição dos topônimos *Esperança*, *Boa Esperança*, *Mãe*



Esperança e Nova Esperança em Minas Gerais.

Quanto à classificação dos acidentes geográficos, observa-se uma predominância desses topônimos na designação de acidentes de natureza humana, uma vez que 76% dos nomes sob enfoque — 306 ocorrências — referem-se a fazendas, vilas, localidades, dentre outros. Os acidentes físicos – córregos, serras, ribeirões, etc. — por sua vez, correspondem a apenas 24% dos dados (95 ocorrências), conforme se ilustra no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Classificação dos topônimos quanto ao tipo de acidente geográfico

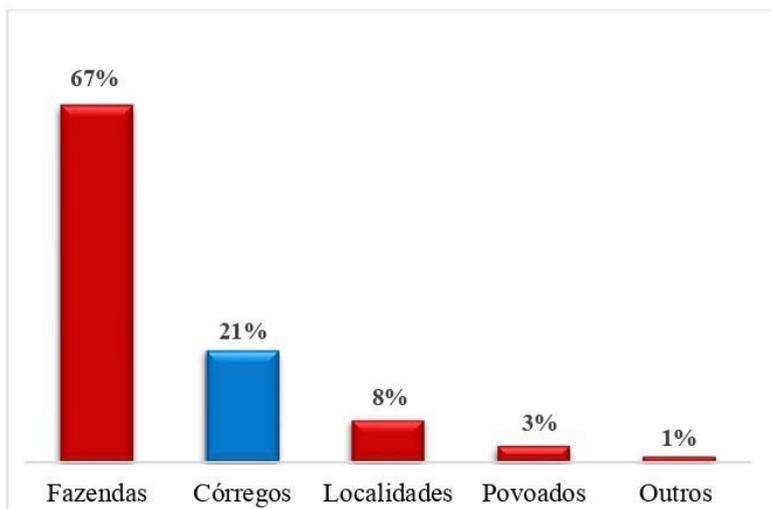


Em relação à identificação do tipo de acidente geográfico, verifica-se, nos acidentes humanos, a maior incidência de *fazendas*, uma vez que representam 67% do total de dados analisados ou 255 ocorrências. Os demais acidentes humanos, que representam 9% dos dados ou 51 ocorrências, subdividem-se em 31 localidades, 14 povoados, 2 vilas, 1 cidade, 1 sítio, 1 retiro e 1 chácara. Como outros cinco municípios brasileiros homônimos, merece destaque a cidade de *Boa Esperança* situada na mesorregião Sul/Sudoeste, que, conforme se lê no site da prefeitura municipal, teve sua origem no século XVIII, quando bandeirantes desbravaram florestas atrás de ouro das Minas Gerais, mais especificamente no ano de 1795, quando aventureiros de São João Del Rey foram até Lavras, “na esperança de ali encontrar um lugar propício às suas buscas” (grifos nossos)⁴. Assim, como muitas localidades do interior do Estado de Minas Gerais, *Boa Esperança* nasceu da busca do ouro que os bandeirantes realizavam, no século XVIII, e a motivação para a origem município relaciona-se diretamente com a motivação para a escolha do seu topônimo, um *animotopônimo*.

⁴ Informações disponíveis em <https://www.boaesperanca.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6495>. Acesso em 15/07/2021.

No que concerne aos acidentes físicos, os córregos⁵ aparecem com maior destaque, somando 21% do total de acidentes geográficos ou 83 ocorrências. Os demais acidentes físicos, que representam 3% dos dados ou 12 ocorrências, são 6 ribeirões, 5 serras e 1 lagoa. O gráfico, a seguir, ilustra como os 401 topônimos analisados podem ser classificados quanto à identificação do acidente geográfico.

Gráfico 2: Classificação dos topônimos quanto à identificação de acidente geográfico



No que se refere à classificação taxionômica desses topônimos, conforme já pontuamos anteriormente, pautando-nos por Dick (1990a, p. 32) e Isquierdo (1996, p. 118), podemos classificá-los como *animotopônimos eufóricos*, uma vez que são relativos à ideia de esperança e prosperidade.

Convém ressaltar, além disso, que a ‘esperança’ presente na toponímia, além de indicar o estado de ânimo otimista do denominador frente ao acidente a ser nomeado, pode estar associada também à devoção à *Nossa Senhora da Esperança* também conhecida, segundo Megale (2003, p. 25-26), como *Nossa Senhora da Boa Esperança*, sendo essa invocação

⁵ Os córregos, por serem acidentes físicos, estão representados no gráfico 2 na cor azul, mesma cor utilizada para representar esse tipo de acidente no gráfico 1.

mariana “muito comum no tempo das navegações portuguesa, pois os marujos tinham a esperança de chegarem são e salvos ao seu destino”.

De acordo com a historiadora,

A imagem de Nossa Senhora da Esperança foi a primeira a chegar ao Brasil, trazida por Pedro Álvares Cabral em sua viagem que culminou com a descoberta da Terra de Santa Cruz. Esta efigie histórica, exposta atualmente numa capela de Belmonte, em Portugal, onde consta ter sido batizado o descobridor do Brasil, representa a Virgem Maria com o Menino Jesus sentado sobre seu braço esquerdo e apontado para uma pomba que repousa sobre o braço direito de sua mãe. Em Santa Cruz de Cabrália, local onde foi rezada a primeira missa no Brasil, por frei Henrique de Coimbra, foi edificada uma capela dedicada à Nossa Senhora da Esperança, a protetora do descobridor (MEGALE, 2003, p. 25, grifos nossos).

Nessa perspectiva, devido a esse significativo aspecto histórico da presença do culto a invocação mariana de Nossa Senhora da Esperança, pode-se afirmar que tais topônimos poderiam ser também classificados, de acordo com Carvalho (2014), como topônimos relativos às invocações de Nossa Senhora ou *mariotopônimos*, subdivisão dos *hierotopônimos*, isto é, “topônimos relativos aos nomes sagrado de diferentes crenças” (DICK, 1990b, p. 33).

No entanto, devido à extensão do léxico toponímico mineiro e ao fato de os topônimos não trazerem, em sua composição sintagmática, o designativo referente ao culto mariano “Nossa Senhora”, optamos por manter a classificação de *animotopônimos eufóricos*. Vale dizer, contudo, que a ‘esperança’, definida por Bluteau (1979, p. 259) como uma virtude teológica, pode indicar, nos topônimos sob análise, um traço da religiosidade cristã que é a devoção à Virgem Maria presente em território brasileiro desde o início de seu povoamento, o que pode ser comprovado, por meio da consulta feita ao *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado:

Figura 2: Captura de tela do *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Fonte: Machado (1984, p. 587).

Esperança¹, *hier. f. e f.* Invocação da Virgem Maria e uma das três virtudes teológicas. Usa-se como antr. f., só (*Tel.*, s.v. *Baptista, Macedo, Pinto*, etc.) ou com *Maria (Maria da Esperança)*, assim como *apel. (Tel.; Tel. do Porto, 1977-1978, onde também encontro Esperança)*. O antr. f. já se atesta em 1656 (*Anais-Faro, IX, p. 133*).

Esperança², *mit. f.*, a traduzir o lat. *Spes*, divindade romana (Cícero, *Nat. Deor.*, II, 61). No *Voc*.

Esperança³, *top.* frequente em Portugal e no Brasil. De *Esperança*¹ ou, como no caso do conc. de Faro, reminiscência de templo local consagrado a Nossa Senhora da *Esperança*, de convento de Freiras da *Esperança*, como em Lisboa.

Merece destaque também a composição sintagmática ‘*boa esperança*’ que, como uma redução da invocação à *Nossa Senhora da Boa Esperança*, é bastante recorrente no Brasil. No léxico toponímico de Minas Gerais, conforme já foi mencionado, há 304 topônimos nomeados a partir dessa composição, o que parece indicar um traço da influência da religiosidade portuguesa que, como uma tradição cultural, vem sendo transmitida ao longo das gerações e pode ser percebida, dentre outras formas, nas denominações toponímicas.

Considerações finais

Neste estudo, a partir da descrição e análise do léxico toponímico do Estado de Minas Gerais, observou-se a distribuição das ocorrências dos topônimos *Esperança, Mãe Esperança, Boa Esperança e Nova Esperança* nos 853 municípios mineiros. Dessa análise, verificou-se o destaque das denominações *Esperança*, que, com exceção da mesorregião Oeste de Minas, tem ocorrências em todas as outras mesorregiões mineiras; e *Boa Esperança*, que não tem ocorrências apenas na mesorregião Central Mineira, apresentando, por sua vez, significativo número de ocorrências nas mesorregiões Zona da Mata, Vale do Rio Doce, Triângulo Mineiro e Sul/Sudoeste de Minas.

Tais denominações toponímicas, em território mineiro, referem-se, em sua maioria, a acidentes humanos, sobretudo às fazendas. Diferentemente dos nomes de municípios que, além de serem regidos

por legislação toponímica, dependem da aprovação da comunidade, os nomes desses locativos, por sua vez, passam exclusivamente pelo crivo da subjetividade individual, isto é, cabe apenas ao proprietário, que, às vezes, consulta seus familiares, para decidir, dentre tantos motivos, aquele mais adequado e — por que não?! — aquele que mais o agrada para nomear sua propriedade.

Vale dizer também, que, por sua carga semântica positiva, os topônimos sob análise, trazem em si boas impressões do estado psíquico do denominador do ato da nomeação, que, frequentemente, estão relacionados à expectativa de prosperidade, mas podem estar relacionados também à devoção à *Nossa Senhora da Esperança* também conhecida, segundo Megale (2003, p. 26), como *Nossa Senhora da Boa Esperança*, uma das primeiras devoções trazida para o Brasil pelos portugueses na época das grandes navegações.

Desse modo, desenvolver um estudo toponímico não significa apenas empreender uma análise linguística dos nomes de lugares de determinada região, significa também investigar os seus aspectos socioculturais, econômicos, políticos e religiosos. Isso se explica pelo fato de as denominações toponímicas serem frutos da atividade humana trazendo, por esse motivo, marcas da organização sociocultural dos núcleos humanos que a povoaram ou a povoam. Em outras palavras, “o uso da língua ultrapassa a mera função nomenclatória; ela reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores” (SEABRA, 2004, p. 39).

Nessa perspectiva, e partindo do pressuposto de que a Onomástica “é um ótimo instrumento de aferimento dos gostos, tradições e devoções de cada tempo” (DIAS, 1987, p.238), verificou-se, neste estudo, que as denominações toponímicas atribuídas aos acidentes geográficos sob análise — *Esperança, Boa Esperança, Mãe Esperança e Nova Esperança* —, classificados como *animotopônimos eufóricos* — constituem um grupo especial de topônimos, uma vez que, nessas denominações, é possível perceber a comunhão de aspectos psicológicos do ser humano com a geografia e a paisagem.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Taxonomia de topônimos: problema sem solução?* Signum: Estudos da Linguagem, vol. 2, n. 1, p. 125-137, 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4454/4460>>.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. 1979. Disponível em <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario>. Acesso em 05 de set. 2019.

CARVALHO, A. P. M. A. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. 2014. 821f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave. 1926.

DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos, *Revista da Faculdade de Letras*. História, n. 4: 227-256. Disponível no site <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf>. Acesso em 12-03-2014, 1987.

DICK, M. V. P. A. Etnia e etnicidade. Um outro modo de nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

DICK, M. V. P. A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In.: SEABRA, M. C. T. C. (Org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG. 2006. p. 91-117.

DICK, M. V. P. A. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.9, p.119-148, 1999.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP. 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Edições Arquivo do Estado. 1990b

FINATTO, M. J. B.; KRIEGER, M.G. (2004) *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.

ISQUERDO, A. N. *Léxico regional e léxico toponímico: interfaces históricas e culturais*. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. VI.. 1ed. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2012, v. , p. 115- 140.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. São Paulo: 1996. 409f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

MEGALE, N. B. *O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SAPIR, Edward. (1961) *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2004

Recebido em: 23 de agosto de 2021.

Aprovado em: 7 de dezembro de 2021.